

BIG BROTHER BRASIL

Mural Produzido em:
04/2006

Coordenação:
Carla Luciana Silva

Acadêmicos:
Priscila Marchini Marins
Rita de Cássia S. Kneib
Gervasio Cezar Junior
Gabriel Paiva

O “Grande irmão”: o totalitarismo da “liberdade” capitalista

Carla Luciana Silva

“Grande irmão” é a expressão usada por George Orwell para definir o controle exercido pelo regime totalitário em seu romance 1984 (escrito em 1948). Naquela história, os trabalhadores são manipulados a tal ponto que existe uma complexa “polícia do pensamento” que a todos vigia por meio de câmaras filmadoras. Pensar “errado” é um crime passível das mais violentas torturas. O correto, naquele romance, é “não pensar”. Não por acaso, o personagem principal do livro tem como função em seu trabalho reescrever a história, apagar vestígios, mudar a escrita sobre o passado. A história deixa de ser um processo que faça sentido para seus sujeitos. É apenas um amontoado de fatos facilmente alteráveis retirando pessoas de fotografias, recortando fora acontecimentos que pouco tempo depois poderão voltar a fazer sentido para a história oficial, ou não, pouco importa.

Orwell, em que pese seu comprometimento com o sistema capitalista, foi um ferrenho crítico desse tipo de totalitarismo e nos deu subsídios para entendê-lo. A ironia, porém, é que o mundo supostamente “da liberdade” (o capitalismo) é aquele que tem sistematicamente aplicado idênticas práticas totalitárias. A mesma expressão “Big Brother” (grande irmão) é usada para um programa televisivo que aparentemente tem a inocente função de nos entreter. Pessoas voluntariamente presas em uma casa onde são observadas 24 horas por dia por câmaras filmadoras. Tudo isso é feito objetivando um prêmio, uma quantia irrisória de dinheiro comparado aos lucros que a empresa que produz o programa obtém com ele. Diríamos ainda que não é só isso, trata-se da fama, das possibilidades de “trabalhos” como posar nus em revistas. A própria intimidade do corpo é outro bom campo a ser “espiado”. Aqueles confinados ficam felizes em transformar meteoricamente seus corpos em mercadorias na banca de revistas.

Lá onde estão confinados existe um mundo de faz de conta: não falta nada, há constantes recompensas por “bom comportamento”, os “errados” são punidos com pequenas prendas, há constantes festas de “fantasia” que tornam ainda mais curioso esse mundo “real”. Uma das punições é o trabalho: ter que cozinhar, ter que limpar o banheiro, lavar o chão. É intrigante que com tão pouco trabalho aquele ambiente seja sempre tão limpo, tão passível de aprovação pelo “padrão de qualidade global”. Isso é mais um indício de que há uma produção do programa que não aparece e que mantém aquela aparência de vigia 24 horas. Ora, seria impossível tantas câmaras serem mostradas ao mesmo tempo, portanto a edição é uma exigência lógica do programa. Mas mesmo assim, ele é vendido por permitir “ver tudo”.

O Big Brother Brasil não é original. É uma cópia e se parece muito com muitos outros

programas que têm sido divulgados nos últimos anos, seja pela televisão, seja pela Internet. Fundamentalmente temos um grupo aprisionado sendo vigiado. Mas: o que faz com que as pessoas parem para ver o que está “acontecendo” lá dentro? O sonho de poder estar no mesmo lugar? A falta de interesse pela “vida real” tão cheia de problemas que desaparecem como num passe de mágica no programa que diz ser “vida real”?

Uma pista para isso está na necessidade do programa tirar completamente qualquer realidade histórica do alcance de quem participa. Não há tempo, não há espaço. Aqueles fatos poderiam ocorrer em qualquer tempo, em qualquer lugar, sem qualquer mudança. O mundo poderia estar caindo à volta daquela casa e nada os abalaria. É o sonho da existência de um lugar em que não é necessário trabalhar, come-se bem, se tiver sorte pode namorar alguém, e ainda viver muitas fantasias...

A beleza não precisa nem ser comentada: ela está ali. Todos são belos, perfeitos modelos e sobretudo: magros. Exceção, apenas aos escolhidos por sorteio. A beleza é um fim em si, algo que chega a desfigurar as pessoas. Os corpos são erotizados o tempo todo e de tão expostos parecem parte da decoração.

A própria definição do programa diz muito: trata-se de um jogo, portanto, sorte e azar são os únicos determinantes. Passar os outros pra trás, enganar, fingir para se dar bem, tudo isso é esperado dos participantes. E a quem assiste sobra ainda poder sentir-se participante, escolhendo quem está jogando melhor o “jogo da vida real”.

Enquanto isso, de quanta dura e triste realidade nos esquecemos. Mas de tanta profusão de imagens montadas já não se sabe ao certo se aquelas pessoas sangrando das ruas de Bagdá ou de favelas do Rio de Janeiro invadidas pelo exército são reais ou apenas personagens de ficção bem projetados por um diretor e figurinista espertos.

Compreender e romper com o totalitarismo desse sistema fica como desafio ao pensamento crítico. De nossa “liberdade” escolhemos nos entreter com pessoas “presas”. Assim, perdemos o limite do espaço, e parece mesmo que fazemos parte desse grande sistema de vigia, que leva a nada, nos deixa apassivados admirando esse mundo em que não se sabe ao certo o que é real e o que é fantasia.

Criação do Big Brother é caminho para a Sociedade de Controle

Priscila Marchini Marins

O reality shows Big Brother foi criado pela empresa holandesa Endemol. Sua primeira série foi no dia 16 de setembro de 1999, pelo canal holandês Verônica, na qual pessoas comuns eram vigiadas por câmeras 24 horas por dia. No ano seguinte, os reality shows se espalharam em vários países como: Portugal, Suíça, Alemanha, Suécia, Espanha, Bélgica, Estados Unidos e Inglaterra. Foi exibido pela primeira vez no Brasil, em 2002, pela Rede Globo, fazendo com que milhões de brasileiros acompanhassem diariamente o “enjaulado” dos primeiros participantes.

Sua origem não se concentra em um determinado país, mas em uma corporação transnacional. O Big Brother reproduz uma relação de dominação na própria lógica de funcionamento do programa, baseada na ideologia empresarial.

Em virtude disso, o Big Brother naturaliza e tende a defender uma lógica própria das “leis de mercado”, estimulando novas formas pessoais e reforçando novos sistemas de dominação.

Como Sociedades de Controle, reality shows como Big Brother, possuem regras de jogos na televisão que exprimem a situação da empresa que o veicula. Como empresa, os realities estão sempre submissos e se adaptando às demandas de mercado, do público e dos próprios concorrentes. Além disso, aproveita-ou usa-o espaço para divulgar empreendimentos de organizações não-governamentais, incentivando a “responsabilidade social”.

Pode-se perceber que os integrantes do Big Brother defendem as decisões corporativas, já que se baseiam “no jogo de que tudo vale” e que é necessário agir como jogadores profissionais. Em qualquer reality shows, o jogo da regra é a mesma, como por exemplo, o reality show como “O Aprendiz”, reprodução brasileira de “The Apprentice”, criado pelo multimilionário americano Donald Trump, de quem se costuma ouvir a frase: “You are fired!” (“Você está despedido!”).

A contradição que se coloca é que no “Big Brother Brasil” os vencedores são simples e humildes. Big Brother não é um programa de entretenimento, mas faz parte de uma corporação, cujo interesse maior está na sociedade de controle.

Perfil dos participantes

Rita de Cássia S. Kneib

Os participantes de *reality shows*, em especial do *BBB*, podem ser considerados personagens por participarem de uma trama em que é ultrapassado o limite realidade/ficção e por se enquadrarem nela como tipos, ou mais especificamente como mercadorias. Como objetos, os integrantes do programa têm suas imagens vendidas como os patrocinadores vendem seus produtos.

Para que esta venda seja lucrativa não é qualquer tipo de pessoa que vai servir como mostruário, fato que comprova a existência de esteriótipos que se repetem a cada edição.

Os exemplos mais claros são os das loiras exuberantes, siliconadas, exibindo belos corpos, vestidas em roupas vulgares, ou na maior parte do tempo apenas em trajes de banho, quase sempre em conflito com outro participante. Ou o homem sensível, de porte físico diferenciado dos demais, ou seja, corpo comum, sem a definição dos músculos, que geralmente é homossexual ou tem dúvidas quanto a sua sexualidade. Há também a presença dos negros, geralmente um representante de cada gênero, numa falsa idéia de inclusão racial, visto que não é um negro qualquer, mas um belo, forte, de cabelo raspado, quando homem, ou de cabelo alisado quando mulher, descaracterizando a raça. Além de a grande maioria ser pessoas bonitas, mas de pouca cultura, principalmente no que diz respeito às mulheres.

Assim, há uma exaltação dos que eles chamam de intelectuais, que estão sempre ensinando os demais, seja na maneira de falar até no modo de se comportar à mesa, ensinando outras línguas ou dividindo experiências. E dentro deste contexto cria-se o sentimento de compaixão com o pobre, com o ignorante, que são tratados como humildes, e são estes os que mais comovem as massas, e assim ficam entre os finalistas.

Contudo, o mais relevante é como esses tipos estão presentes em todas as edições, como se fossem os mesmos personagens de um mesmo enredo cujo final já é previsto. Os vencedores das cinco edições, por mais que pareçam diferentes aos olhares menos críticos, têm traços em comum. Todos vindos de origem pobre, que de uma maneira ou outra contam uma história de vida comovente. Kleber Bambam, com sua ignorância e sua dependência afetiva de uma boneca que ele construiu na casa, foi resistindo às eliminatórias até ser o primeiro vencedor da edição brasileira. O segundo, o caubói Rodrigo, conquistou o público com seu jeito simples e seu sonho de ter uma fazenda onde pudesse criar bois.

Já o terceiro, Dhomini, criou conflitos com os participantes se autodenominando perseguido pelos colegas por ser supostamente, segundo ele, protegido da direção do programa,

elaborando todo um clima de complô contra ele, e assim comovendo a audiência votante. Enquanto a quarta vencedora, e a mais óbvia de todos, pois além de ser uma mulher, o público feminino precisava ter uma vencedora, alguém para considerar como heroína, foi também sorteada para entrar na casa pela revistinha vendida nas bancas, pela primeira vez na edição brasileira, que possibilitaria a entrada de mais dois participantes. Com todos esses pontos ao seu favor Cida ainda era pobre e semi-analfabeta, nada mais comovente para as milhões de pessoas que votaram pela sua vitória. Por último, Jean, intelectual da quinta edição, que vindo da favela conseguiu subir ao cargo de professor universitário, ainda, e mais importante, se sentiu vítima de preconceito e se declarou homossexual ao vivo, logo após ter sido colocado na primeira eliminatória.

Após terem ganhado uma bolada de dinheiro cada um, não é difícil vê-los em revistas de fofocas e outros materiais do gênero. Alguns exemplos são fáceis de demonstrar, como o Jean que agora trabalha no programa, também da Globo, Mais Você; a Tati Pink que participou da mesma edição dele também continuou na emissora quando ganhou um quadro no programa Zorra Total; assim como no mesmo, a maioria dos *ex-bbb's* fez uma participação especial. Bambam após trabalhar um tempo no Programa do Didi, decidiu montar uma banda intitulada Bambam e as Pedritas. Vanessa, da primeira edição, trabalhou em uma novela também da Globo. Sem contar nas inúmeras mulheres que saíram em revistas masculinas, nos muitos eventos cuja simples presença de ex-integrantes da “novela da vida real” custa alguns mil reais, entre outras pequenas atividades que vão sendo esquecidas com o tempo e, principalmente com uma nova edição. O que não causa estranhamento no fato dessas pessoas serem esquecidas é o fato de que em cada nova edição surgem novos protagonistas semelhantes ao que já passaram pela casa, ou seja, padronizam gente.

Por isso tudo, é fácil perceber o motivo de na sexta edição estar entre os finalistas uma bela pescadora que também é modelo, os dois participantes que entraram por sorteio e destoam dos demais por parecerem mais reais, e um estrategista sentimental que iniciou um romance com a pescadora, que é a querida da casa e até agora foi pouco votada para sair. Dessa maneira, qualquer um se encaixa no papel de “coitadinhos” e de merecedores do prêmio.

E você, depois dessa geral “espiadinha”, arrisca um palpite de como serão os personagens do próximo BBB?

IBOPE, Merchandising e outras práticas do BBB

Gervasio Cezar Junior

Vivemos num mundo em que as pessoas dedicam boa parte de seu tempo livre em frente ao aparelho de televisão, e quase nada, em muitos casos nada, à leitura de um bom livro ou mesmo uma história em quadrinhos qualquer. A vida se tornou uma “correria”. Nesse contexto de falta de tempo, que as pessoas em geral dizem viver, se torna mais rápido e prático assistir a um telejornal e assimilar tudo o que um tal de Bonner ou uma tal de Fátima não sei das quantas relata como verdade do que se dedicar algum tempo lendo e refletindo um jornal sobre se aquilo que é posto como manchete realmente aconteceu. Não que o jornal também não tente “mascarar” a notícia, mas pelo menos você poderia ter uma outra visão daquela que o jornal está se referindo, ao contrário de quando a assistimos.

Pois bem, a mídia sabe dessa “falta de tempo” e dos interesses da população e tenta utilizar todas as suas artimanhas para prender ainda mais desde as crianças até os adultos à frente de sua programação.

Uma dessas artimanhas foi criada pela empresa holandesa Endemol e implantada no Brasil pela Rede Globo (comprou os direitos autorais para exibir a versão) que se tornou um dos mais famosos reality shows do mundo, o Big Brother.

O Big Brother com seu caráter de vigilância mostra as mais variadas “fofocas” do programa, e aquilo que o programa acha que não cabe ser mostrado é cortado pela edição. O Big Brother Brasil ao invés de aderir à sigla BBB, poderia muito bem utilizar uma sigla do período ditatorial, o DOPS (Departamento de Ordem Pública Social da ditadura), já que o programa vigia seus participantes 24 horas e vai ao ar o que bem lhes convém, isso não traria contradição alguma.

O Big Brother tem praticamente tudo o que as pessoas querem ver, por isso seus picos de audiência são assustadores, você telespectador pode encontrar cenas de erotismo, brigas, armações, e entre outros assuntos muita festa, bebedeira e fazer nada o dia todo. Será que a partir desse contexto pode ser o seu slogan (a novela da vida real) levado à risca? Seu IBOPE só é garantido devido a esse cenário de intrigas montado pela produção do programa, ou você acha que aqueles corpos esculturais e aquelas fortes personalidades são escolhidos de olhos fechados, os perfis de cada pessoa para a casa e a trama são montados pela edição do programa bem antes dos personagens serem escolhidos.

O fato é que na Inglaterra tentou-se fazer um reality show só com intelectuais, o que acabou por água a baixo, o programa fracassou no período de testes de audiência pois o conteúdo das conversas não interessaria ao público que o Big Brother tentava atingir, ou seja, o povão.

Um aspecto importante dessa versão no Brasil é o numero de propagandas que fazem parte

do espetáculo, propagandas como: Assolan, Azaléia, Minuano, Fiat, Niely Gold, HSBC, estão presentes constantemente na casa, essas marcas são expostas como sendo personagens do Big Brother. Aliás, além do merchandising colocado na casa, existem ainda aqueles cuja procedência é externa, como os acordos firmados com as operadoras telefônicas, um exemplo bem claro disso é na eliminação de um participante, as pessoas podem votar pelo telefone fixo ou celular, mandar mensagem de texto ou votar pela internet. Imaginem o quanto a Rede Globo embolsa nesses “paredões”? O quanto os brasileiros já desembolsaram?

No que estamos nos tornando?

Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva

Todo o dia às 7 horas da noite, ao ligarmos o rádio está lá firme e forte a antiga e criticada “Voz do Brasil”. Já diria a Plebe Rude “Todo o dia as 7 eu ligo meu rádio para ouvir hipnotismo nacional, todo o dia as 7 eu ligo meu rádio para ouvir lavagem cerebral”. Este horário célebre do rádio foi sempre criticado pelo seu caráter obrigatório. Há seis anos todas as noites durante o período de janeiro a março, milhões de pessoas ligam suas Tvs obrigatoriamente na Rede Globo. Alguma semelhança? Aparentemente não, mas o caráter obrigatório da “Voz do Brasil” sempre foi criticado pela maioria da população que todos os dias pára suas atividades obrigatoriamente para assistir o Big Brother Brasil. Para escutar a “Voz do Brasil”, muitas críticas ocorriam, por que a este programa adquirido pela Rede Globo não?

Paro, e chego a pensar o que leva milhões de pessoas assistirem um programa onde pessoas desconhecidas, ou não famosas, ou “comuns” convivem umas com as outras. Diariamente não só eu, mas acredito que todos vocês conversam, trabalham, estudam, se divertem e não sozinhos, mas com outras pessoas (incluindo os tímidos), ou seja, convivem com outras pessoas. O programa *Big Brother Brasil* apresenta a mesma coisa, porém não sou eu nem você, e será que poderia ser? Claro são musculosos ao lado de mulheres “belíssimas”, vivendo numa casa luxuosa não precisando trabalhar ou fazer qualquer atividade, exceto as obrigações mínimas como as provas que rendem prêmios de seus patrocinadores e no final poderá render a um dos participantes 1 milhão de reais. Sem contar que por paredão a Rede Globo fatura 8 milhões! Isso mesmo: 8 milhões!

Mas por quê assistir este programa? Mesmo não querendo, este programa te persegue, por exemplo, ao realizar uma pesquisa na internet, ou entrar em alguma página para encontrar o link para abrir seu e-mail, está lá quem está no paredão ou quem foi eliminado. Mas buscando responder à questão, ocorre uma relativa identificação com as pessoas do programa com os telespectadores, muitos destes buscam se espelhar, ou tentar ofuscar a realidade que vivem. No que estamos nos tornando? Ao desligar a televisão o mundo deixa de ser tão fácil, como no programa. Como o caso de professores que passam pelo programa, tem como algum professor ser tão feliz quanto aqueles que participam? Com a precarização destes profissionais, se torna difícil.

Isto tudo se torna um grande problema e de longe um melodrama, não querendo me aproximar dos programas globais, ou que escorre lágrimas pela tela da televisão (Raul Gil é campeão nesta atividade). E para finalizar deixo outra pergunta: Chorar por um eliminado do programa, ou chorar pelos milhões de mortos com a expansão estadunidense, ou por milhões que morrem de fome, ou pela falta de distribuição de renda, ou pela falta de reforma agrária?

O que a Globo quer afinal com tudo isso?